

LETRAS, CÂMERA, AÇÃO!

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E MÍDIAS NA ESCOLA

Mariana da Silva Lima (CEFET-RJ/ UFF)¹

Resumo: Esta comunicação consiste em um relato de experiência a partir de um trabalho intitulado “Assalto poético”, no qual grupos de alunos do Ensino Médio deveriam produzir vídeos captando as reações de diferentes pessoas à poesia de Ferreira Gullar. Partindo-se de uma descrição das etapas desenvolvidas, passa-se a uma revisão crítica dos resultados obtidos com vistas a aprimorar e compartilhar o projeto.

Palavras-chave: Ensino; Literatura; Ensino Médio; Mídias; Ferreira Gullar

O Projeto “Letras, câmera, ação!” foi concebido a partir de experiências docentes no âmbito da disciplina Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no Ensino Médio do CEFET/RJ – Campus Maria da Graça, e tem como objetivo levar o aluno a se apropriar da experiência literária estabelecendo diálogos com diversas mídias, tais como o vídeo, o cinema e a fotografia. O projeto foi concebido a partir da percepção das amplas limitações que o ensino tradicional de Literatura impõe àquela que seria uma das principais finalidades desta disciplina, qual seja, inculcar no aluno o gosto pela leitura. Seguindo as diretrizes estabelecidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, as atividades propostas buscam despertar no aluno uma atitude criativa na abordagem dos conteúdos relativos a esta disciplina, tirando-o de uma postura passiva no aprendizado dos mesmos.

Em uma perspectiva mais ampla, o projeto se propõe a abrigar diversas formas de realizações, desde a adaptação de obras literárias curtas para meios audiovisuais até a produção de ensaios fotográficos e de vídeos feitos com a câmera do celular a partir de temáticas desenvolvidas nas obras em estudo. Com isso, pretende-se desenvolver formas criativas e autônomas de se trabalhar com a Literatura, aproveitando-se o uso corrente que a atual geração de jovens faz das mídias digitais. Nesta comunicação, apresentarei um relato de experiência relativo à primeira proposta elaborada, não apenas descrevendo as etapas do trabalho desenvolvido, mas principalmente procedendo a uma revisão crítica dos resultados obtidos. Esta reflexão teve como objetivo aprimorar o trabalho em uma provável segunda edição, no próximo ano, e já rendeu frutos na segunda proposta executada (a produção de ensaios fotográficos a partir de alguns temas trabalhados no romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago).

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no CEFET-RJ (*campus* Maria da Graça) e pós-doutoranda no Instituto de Letras da UFF. Contato: marisilvalima@yahoo.com.br.

Decidi dar início ao projeto junto às três turmas do último ano do Ensino Médio, tendo em vista que, ao longo de seus estudos, estas turmas já haviam realizado diversas atividades envolvendo a produção de vídeos em outras disciplinas. Assim, a seleção das turmas foi estratégica, uma vez que eu pude contar com certa experiência dos alunos em trabalhos que exigiram algumas das habilidades que seriam necessárias para a execução do projeto, como a edição dos vídeos. Cabe ainda mencionar que, em nossa escola, as turmas do último ano do Ensino Médio têm dois tempos semanais (de cinquenta minutos cada) da disciplina Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, e que este último ano é o quarto de sua formação (e não o terceiro, como é comum), haja vista que nosso âmbito de atuação é na modalidade Ensino Médio Integrado ao técnico². CEFET é uma escola técnica que oferece a

A ideia inicial deste primeiro trabalho realizado no âmbito do projeto era que os alunos produzissem vídeos inspirados pela leitura de poemas de Ferreira Gullar. Após pesquisarem a obra poética do autor e selecionarem alguns poemas de sua preferência, os alunos deveriam apresentá-los a amigos e familiares, levando adiante os comentários iniciais e gerando outros no próprio momento dessas conversas. Essas reflexões conjuntas seriam registradas pela câmera do celular e editadas pelos alunos, dando origem a vídeos que seriam exibidos em aula e posteriormente submetidos a um concurso interno. Esta seleção final daria origem a um vídeo único sobre a poesia de Ferreira Gullar, a ser exibido na Semana de Extensão da escola e publicado nas redes sociais.

Este o plano inicial. Contudo, houve certa distância entre o que vislumbrei e o que os alunos conseguiram realizar. Na avaliação do processo de trabalho que se seguiu à execução das tarefas, percebi que a maioria dos problemas surgidos decorreu de falhas minhas (como a insuficiência das instruções, provocada pela minha falta de clareza quanto aos procedimentos a serem seguidos), ainda que, em grande parte dos casos, as dificuldades só pudessem mesmo se revelar à medida que o trabalho se desenvolvia. Assim, como o projeto se tornou um importante processo de aprendizado para mim, pretendo apresentá-lo aqui em detalhes, não apenas por ter constatado o quanto a reflexão final foi importante para que eu sistematizasse melhor o trabalho para uma próxima edição, como também por acreditar que o próprio ato de compartilhar essas

² O CEFET-RJ oferece diversas modalidades de ensino técnico: Concomitante, Subsequente e Integrado ao Ensino Médio. A modalidade integrada implica em uma mesma matrícula para o Médio e o Técnico, e consequentemente comporta uma carga horária mais extensa; por isso alguns campus da escola a oferecem em quatro anos, como é o caso do nosso.

reflexões com outros educadores pode ser esclarecedor dos desafios que encontramos em nosso ofício e das tentativas de superá-los para aprimorar nossas práticas docentes.

Como o trabalho foi desenvolvido desde o princípio? Logicamente, a primeira etapa foi a apresentação da obra de Ferreira Gullar para as turmas. Neste primeiro encontro dos alunos com a poesia de Gullar, meu objetivo era motivá-los e deixá-los curiosos em relação ao autor e sua obra, então comecei apresentando a eles o poema “Não há vagas”. A aula teve início com a exibição de um vídeo disponível no YouTube que traz uma declamação deste poema, acrescida de imagens a que o texto faz alusão. Na sequência, analisei detidamente o texto, junto com os alunos, e passamos então para uma análise de “Traduzir-se”. Ambas as análises foram intercaladas com comentários esparsos sobre a biografia do poeta. Depois das interpretações, exibi dois outros vídeos com versões musicadas de “Traduzir-se” (uma feita por Fagner e outra por Adriana Calcanhoto). Para a aula seguinte, combinamos a realização de um sarau (com direito a comes e bebes).

Para o sarau, cada aluno foi instruído a pesquisar na Internet a poesia de Ferreira Gullar, selecionar dois poemas de que gostasse mais e fazer comentários sobre o que chamou sua atenção no poema. Assim, a segunda aula seguiu essa dinâmica, e transcorreu de maneira muito agradável e prazerosa. As carteiras foram dispostas em círculo; os alunos foram sucessivamente apresentando seus poemas preferidos e falando de suas surpresas e encantamentos, ao mesmo tempo em que íamos comendo e bebendo; tudo contribuindo assim para certo clima de festa e descontração.

Na sequência, houve uma aula de contextualização histórica e estética da obra, que seria o fechamento da primeira etapa. Nesta aula, os alunos receberam as seguintes instruções para a elaboração dos trabalhos: a) selecionar poemas do autor; b) apresentá-los para pessoas de diferentes idades e ocupações; c) gravar em vídeos suas reações e comentários; d) editar um vídeo com 3 desses depoimentos.

Como se percebe, as instruções foram sucintas demais. Fiz algumas observações a respeito da captação dos depoimentos (como os cuidados a serem tomados com o som, a luz e o posicionamento da câmera), porém neste momento surgiram alguns questionamentos quanto à dinâmica da apresentação e dos diálogos aos quais eu não soube responder (como por exemplo uma dúvida relativa ao que deveria ser filmado, se desde o momento da leitura ou apenas a reação da pessoa). Desse modo, foi com apenas algumas instruções vagas que os alunos saíram em campo para colher seus

depoimentos. Foi estabelecido um prazo de duas semanas para a apresentação dos vídeos.

Nesse dia (a quarta e última aula dedicada ao projeto), os diversos grupos exibiram seus trabalhos em sala, e foram tecidos comentários sobre as diferentes produções (tanto por parte dos alunos quanto da professora). Porém, como o nível dos vídeos foi muito desigual (havendo inclusive dificuldades de exibição por conta dos diferentes formatos em que os vídeos foram realizados), decidi não levar adiante as demais etapas planejadas (elaboração de concurso interno e exibição na Semana de Extensão) e proceder a um exame cuidadoso do desenvolvimento do projeto, tentando compreender o que deu certo e o que não deu em sua execução, com vistas a seu aprimoramento no futuro. Portanto, passo agora a esta revisão crítica do trabalho.

A começar pelo próprio título do subprojeto – *Assalto poético* –, que só me ocorreu quando os trabalhos já estavam em estágio bem avançado. Em decorrência disso, diversos grupos deram a seus vídeos o título *Ferreira Gullar*, ou simplesmente *Trabalho de português*. Este pode parecer um detalhe irrisório, porém na avaliação pude perceber a importância da função deste elemento, uma vez que um título como *Ferreira Gullar* pode sugerir que o vídeo irá apresentar uma biografia do poeta (o que não era o caso), ao passo que um título como *Trabalho de português* pode sugerir qualquer coisa, e subtrai completamente qualquer pretensão mais artística que o trabalho pudesse ter. Já o título *Assalto poético* parecia refletir bem a intenção de se obter de súbito as reações da pessoa entrevistada, além de apresentar a vantagem de ser abrangente o bastante para abarcar outros poetas (assim, é possível realizar semelhantes *assaltos poéticos* a partir da obra de Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski, enfim, qualquer poeta com que se queira trabalhar).

O segundo reparo que faço diz respeito à captação dos depoimentos em si. Quanto a este aspecto, minha avaliação foi a de que a preparação para as “entrevistas” foi insuficiente. Em geral, os alunos se restringiram às primeiras impressões dos entrevistados, não se mostrando capazes de estabelecer com eles um diálogo sobre os poemas lidos e suas impressões. Desse modo, quando o comentário era rico, obteve-se um bom registro, porém quando o depoente revelava dificuldade de compreender ou de analisar o poema lido, os alunos tampouco conseguiram fomentar a reflexão sobre os textos ou instigar os depoentes para tentarem se aproximar de uma possível interpretação dos mesmos. Veja-se o exemplo a seguir, que transcreve a fala de uma estudante do 6º. período de Letras da UFRJ:

– Esse poema “Cantada”, agora depois de ouvir, deu pra perceber que ele tá querendo exaltar a beleza de uma mulher, mas usando coisas que não são tão valiosas assim, tão... né? Porque, por exemplo, uma bola de alumínio de cigarro: não é uma coisa bonita, e ele fala que a mulher é tão bonita quanto. Uma poça num cantinho: não é uma coisa tão linda, né; eu usaria outras coisas pra exaltar a beleza dessa mulher à qual ele *tá* se referindo. Então... eu acho que ele quis exaltar a beleza da mulher usando coisas que a gente não usaria normalmente... é... usando coisas (em) que ele vê algo especial, ou não, para dizer o quanto aquela mulher é bonita. Pra ele faz sentido, né, comparar a beleza dela a essas coisas que ele mencionou no poema. Mas eu usaria outras coisas pra exaltar essa beleza da pessoa que eu amo, no caso, né? Mas achei muito bonito e também achei bem pensado, assim, né? Para aquela mulher, talvez, para essa mulher. Então, eu gostei.

Caso este poema tivesse sido analisado em profundidade em aula (o que não foi), o grupo que registrou esta fala poderia contestá-la indicando que justamente a graça do texto está em perceber que *o poeta enxerga beleza onde os outros não veem nenhuma*. Obstáculo semelhante surgiu a respeito de “Não há vagas”: todos percebem facilmente a crítica social que o poema comporta, porém nota-se que é mais difícil que a pessoa perceba de imediato a questão estética imbuída no texto (ou seja, que o poema fala sobre a própria dificuldade da poesia em abarcar a matéria social e cotidiana), de modo que seria fundamental que os alunos chamassem a atenção dos entrevistados para a questão suscitada pelos versos, perguntando: mas por que não há vagas no poema para o preço do feijão, para o funcionário público e seu salário de fome, para o operário etc.?

Outra percepção surgida em meu exame do processo de trabalho foi que alguns poemas são mais propícios ao tipo de exercício proposto (captar reações imediatas das pessoas aos poemas). Tal foi o caso, além dos dois já mencionados, de “Cantada” e “Subversiva”. Já outros, como “Cantiga para não morrer”, se mostraram mais difíceis de ser analisados pelos entrevistados. Não pretendo com isso dizer que deveriam ser suprimidos da iniciativa – até porque, como sua escolha foi recorrente, ela demonstrou uma preferência entre os alunos.

Tanto no caso deste poema como de outros, verificou-se que os alunos, na maior parte das vezes, optaram por apresentar os textos lendo-os para os interlocutores, o que pode ter gerado uma dificuldade a mais para os ouvintes. A necessidade da visualização do texto se evidenciou em algumas situações – e particularmente na apresentação do poema “Mar azul”. Este momento poderia ter rendido bons comentários por parte dos

alunos, os quais deveriam ter exposto a importância dos aspectos visuais na poesia concreta; no entanto, a apresentação do poema foi feita exclusivamente mediante sua declamação para o ouvinte, que restringiu seu comentário à exclamação: “Tudo azul – que confusão!”.

A natureza dos depoimentos colhidos de forma abrupta revelou a necessidade de um tempo para reflexão por parte dos ouvintes. No entanto, a rapidez da interação foi responsável por alguns bons momentos em alguns dos vídeos, nos quais as expressões faciais das pessoas ouvindo pela primeira vez os poemas renderam boas imagens. No futuro, penso que valeria orientar os alunos a gravar tudo e, posteriormente, selecionar os melhores momentos a serem incluídos nos vídeos.

De todo modo, ficou claro que o teor dos comentários obtidos dependeria muito da forma como os poemas seriam apresentados. Observações como “É bonito o poema”, “gostei” ou “não entendi nada” poderiam ser o ponto de partida para um diálogo entre os entrevistados e os alunos, os quais deveriam estar preparados para engatar uma discussão sobre os mesmos, mas isso não ocorreu com muita frequência.

Vale ressaltar que reações um tanto quanto vagas não são desinteressantes por si sós, podendo às vezes traduzir um espanto por parte do ouvinte; ainda assim, o baixo rendimento dos comentários suscitados por alguns poemas em particular aponta para a necessidade de sistematizar melhor a fase de preparação. Isso pode ser feito por meio de uma seleção prévia dos poemas a serem apresentados aos diversos interlocutores e de sua interpretação em sala, com análises por escrito dos textos (incluindo os apontamentos surgidos na roda de conversas) e a elaboração de um roteiro de perguntas e comentários, em uma tentativa de antecipar possíveis caminhos nos diálogos a ser estabelecido.

Ainda sobre a apresentação dos poemas, outro aspecto que ficou em aberto quando das instruções foi o modo de empreender a leitura, ou seja, o treino de uma entonação adequada para a situação dada. Sem qualquer preparo prévio, os alunos em geral se mostraram um tanto quanto inibidos para fazer a leitura dos textos. Acredito que isso possa ser trabalhado inclusive de forma lúdica, e dentro do espírito do projeto, lembrando aos alunos que, para efetuarem um “assalto” bem sucedido, eles precisam realizar uma abordagem estratégica de suas “vítimas”.

Também se evidenciou a necessidade de uma série de ajustes quanto à edição dos vídeos. Embora eu tivesse passado algumas instruções breves relativas à seleção dos comentários, alguns aspectos só se tornaram claros no momento da apresentação dos

vídeos, tais como a presença ou ausência de legendagem, a exploração de recursos de edição (como o *fastforward* ou a montagem artística) e a falta de abertura e/ou fechamento. Como não passei nenhuma instrução específica a respeito da edição dos vídeos, o emprego desses recursos ficou a critério de cada grupo – alguns os exploraram habilmente, outros nem tanto. Por isso, em uma próxima edição do projeto, pretendo: a) enfatizar a importância da captação; b) indicar a necessidade de inclusão de créditos no final e de legendagem dos vídeos (obrigatória na identificação dos entrevistados, opcional em outros casos, como na transcrição das falas); c) unificar o programa utilizado (para que os arquivos não fiquem pesados demais, comprometendo sua exibição, como ocorreu mais de uma vez); d) ressaltar a necessidade de se pensar o vídeo como um todo, elaborando uma abertura e um fechamento adequados (principalmente com a inserção, no início, de uma apresentação do que é o assalto poético). Para isso, considero fundamental dedicar parte de uma aula às instruções e à exibição de modelos. Agora que já temos uma primeira leva de vídeos realizados, há material para ser analisado em uma segunda edição do projeto.

A edição dos vídeos foi um momento em que o trabalho como um todo se ressentiu de uma **maior integração** com o professor de Artes, o qual já desenvolve uma série de projetos relacionados à produção de vídeos. Esta integração – que estava prevista no projeto, porém não foi levada a cabo por conta de dificuldades de carga horária – é um dos desafios da escola (não só no interior da Coordenação do Ensino Médio, mas também com as Coordenações dos cursos técnicos). Temos buscado cada vez mais desenvolver projetos transdisciplinares, rumo à oferta de uma formação integral do cidadão.

Voltando ao exame dos procedimentos adotados, constatei que o próprio momento da **exibição** dos vídeos poderia ser muito mais explorado, aproveitando-se a ocasião para se realizar uma análise crítica não apenas do trabalho realizado, mas também do teor dos depoimentos. Assim, planejo incluir na próxima edição um momento mais elaborado de **avaliação** dos vídeos pela própria turma (a partir de uma ficha com critérios claros), bem como de análise crítica dos comentários (para tanto, seria preciso que eu assistisse os vídeos antes para poder preparar essa aula a contento, o que não ocorreu nesta primeira edição, em que assisti aos vídeos finalizados juntamente com todos os alunos). Para ilustrar como esta etapa pode ser rica, fixemo-nos em dois fatores: primeiro, o conteúdo de alguns comentários registrados. Entre as diversas falas, alguns aspectos recorrentes destacados pelos depoentes foram:

- A apresentação dos poemas do autor, desconhecido para a maioria;
- A linguagem empregada, muito próxima da linguagem cotidiana, em alguns poemas, chegando mesmo a utilizar palavrões, como é destacado por um dos depoentes;
- A analogia entre o contexto em que os poemas foram escritos e o atual contexto brasileiro (a propósito dos poemas “Subversiva” e “Não há vagas”, por exemplo);
- As possibilidades expressivas da poesia (engajamento/ liberdade)

Penso que o dia da exibição deveria ser um momento de ressaltar esses dados e de analisá-los em detalhe. Como exemplo da riqueza dos comentários, veja-se a transcrição deste trecho do diálogo entre uma aluna e o psicólogo da escola:

Guilherme – Uau!
 Aluna – Quer ler de perto?
 Guilherme – Ah, claro. (*Após leitura silenciosa*) A poesia é tudo isso, né? Nunca pensei por esse lado.
 Aluna – E você quer destacar algum trecho, acha importante fazer relação com alguma outra obra?
 Guilherme – (*Pausa*) O palavrão, né? O palavrão chama atenção. Legal, mesmo; porque às vezes a poesia, ela é muito bonitinha, muito redondinha, mas não nos afeta, né? E essa aqui, ela tem o poder de nos afetar. Mas gostei. Não sei se eu lembraria de outra poesia, mas eu nunca tinha visto, acho que eu nunca li nada de Ferreira Gullar. Eu gostei, gostei dele.

Ou deste outro, entre a aluna Thaís Menezes e sua avó, D. Creuza Menezes (identificada no vídeo nominalmente e com a indicação de sua ocupação como dona de casa):

Thaís – ... o preço do arroz não cabe no poema.
 D. Creuza – Por quê? Tá muito caro?
 (*A aluna ri e continua lendo*)
 D. Creuza – Não tem nada.
 Thaís (*após a leitura:*) – E aí, vó, o que a senhora achou?
 D. Creuza – Aí que eu achei que tudo o que tá falando aí é verdadeiro; são coisas que acontecem mesmo, né? São assuntos de todo dia: o feijão tá caro, o arroz também, e a vida... tá meio apertado, tá difícil... Então, eu acredito que tudo o que você falou aí nesse poema é coisa que estão (*sic*) acontecendo... Aí o feijão tá caro, o arroz tá caro... E que mais que tá caro, ele falou? Falou da...
 Thaís – Da luz, do telefone...
 D. Creuza – Da luz, a luz então! Tá muito caro. (*Pausa*) E a gente tem que rezar pro país melhorar pra gente poder gastar mais. Que tá muito difícil.

Thaís – Mas vai melhorar.
D. Creuza – Hum?
Thaís – Mas vai melhorar, né?
D. Creuza – Se Deus quiser.

Esta interação se revela riquíssima, por exemplo, para uma comparação entre a perspectiva religiosa expressa pela avó da aluna e a perspectiva política do próprio autor para a solução dos problemas mencionados no poema. A esse respeito, caberia chamar atenção para as possíveis relações entre o teor das observações e a ocupação dos depoentes, sua faixa etária etc. Esta foi uma indicação que recebeu destaque nas instruções iniciais (os alunos foram orientados com bastante ênfase a buscar depoentes de diferentes faixas etárias e profissões: crianças, jovens, adultos e idosos; pessoas pertencentes à comunidade escolar – como alunos, professores e funcionários técnico-administrativos – e externos a ela). Acredito que essa variedade de pessoas a prestar depoimentos foi em grande parte responsável pela riqueza das visões expressas.

Depois que a ideia do projeto estava minimamente amadurecida em meus planos, deparei-me com o livro *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*, de Paulo Freire e Sérgio Guimarães, e pude perceber que minhas inquietações encontravam eco nas análises que os dois pensadores faziam sobre o papel das novas mídias na educação:

Forçada, desafiada, posta no canto da parede, sobretudo nesses bons pedaços de vinte ou 25 anos para cá, a escola se obriga a mudar. Ela se obriga a deixar de ser um espaço preponderantemente fabricante de memórias repetitivas, para ser um espaço comunicante e, portanto, criador. E, para isso, então, ela não poderia jamais de ter, como auxiliares extraordinários, todos os meios de comunicação.

A concepção deste projeto me levou a reelaborar minha prática docente, na medida em que propiciou um afastamento de um modo de ensinar literatura que passa apenas pelo mostrar, pelo oferecer ao aluno, e me levou a buscar meios que levam os alunos a assumirem um papel ativo no contato com as obras literárias. Espero que esta reflexão possa ajudar outros educadores a descobrir novas formas de usar a *câmera* para ligar as *letras à ação*.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. “Palestra sobre lírica e sociedade”. In: _____. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. *Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GULLAR, Ferreira. *Poema sucio/ En el vértigo del día*. Edición bilingüe español/portugués al cuidado de Paloma Vidal y Mario Cámara. Buenos Aires: Corregidor, 2008.

LAFETÁ, João Luiz. “Traduzir-se: ensaio sobre a poesia de Ferreira Gullar”. IN: *A dimensão da noite e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1996.

MORICONI, Ítalo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.